

“BANIDO DO BANQUETE DA VIDA”: A ARTICULAÇÃO ENTRE O LITERÁRIO E O NÃO-LITERÁRIO EM ‘A PAINFUL CASE’, DE JAMES JOYCE

BANNED FROM LIFE’S FEAST: ARTICULATING THE LITERARY AND THE NON-LITERARY IN JAMES JOYCE’S ‘A PAINFUL CASE’

*Genilda Azerêdo**

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: O propósito deste ensaio é discutir o conto de James Joyce “A painful case” (“Um caso doloroso”) tomando como foco a articulação entre duas textualidades – a literária (o conto como um todo) e a não-literária (reportagem jornalística inserida dentro do conto) – tanto no nível diegético quanto no nível da própria enunciação narrativa. A reportagem de jornal constitui uma textualidade encaixada, recurso que explicitamente cria um sentido de desdobramento narrativo, acionando recursos metaficcionalis relevantes para os significados do conto.

PALAVRAS-CHAVE: Conto moderno. Reportagem de jornal. Narrativa encaixada. Metaficção.

ABSTRACT: This essay aims at discussing James Joyce’s “A painful case” focusing on the articulation between two textualities – the literary (the short story as a whole) and the non-literary (a news report

* Possui graduação em Licenciatura Plena Em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1985), Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1990) e Doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Atualmente é professora associado III da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: genilda@cchla.ufpb.br

inserted in the short story) – both on the diegetic and enunciating levels. The news report constitutes an embedded textuality, a kind of resource that generates an effect of narrative overlapping, thus activating relevant metafictional resources for the story's overall meaning.

KEYWORDS: Modern short story. News report. Embedded narrative. Metafiction.

“BANIDO DO BANQUETE DA VIDA”: A ARTICULAÇÃO ENTRE O LITERÁRIO E O NÃO-LITERÁRIO EM ‘A PAINFUL CASE’, DE JAMES JOYCE

A tríade leitura-escrita-criação pode ser compreendida sob várias perspectivas. Do ponto de vista do escritor, alude à importância da leitura e do conhecimento da tradição literária e artística para a criação de uma literatura particular. Em “Tradition and the individual talent”, texto originalmente publicado em 1920, T. S. Eliot ressalta a relevância do diálogo entre o talento singular do escritor e a criação de seus pares. Eliot afirma que “nenhum poeta, nenhum artista, tem seu significado completo sozinho” (1974, p. 1168). Sua noção de tradição, porém, não é a de algo que pode ser herdado; para ele, a tradição exige um grande trabalho, uma vez que envolve não apenas uma consciência histórica do passado, mas do presente desse passado (ELIOT, 1974, p. 1168). Tal conhecimento sincrônico e diacrônico da literatura também se faz relevante para o trabalho do crítico-leitor. Ou seja, o conhecimento da literatura (seja aquele construído pelo escritor, seja aquele apreendido pelo leitor, seja ainda aquele produzido pelo crítico) se dá sempre em um diálogo entre o texto e suas reverberações.

Em texto intitulado “Good readers and good writers” (1980), Vladimir Nabokov argumenta em favor do ato de *releitura* – para ele, o leitor só pode ser definido como um re-leitor – de modo a contribuir para uma aproxi-

mação entre o trabalho meticuloso e criativo do escritor e aquele trilhado pelo leitor através do ato interpretativo. De fato, Nabokov coloca escrita e leitura – análise e interpretação – em um mesmo paradigma, já que ambas as ações possuem como foco o ato criativo em si.

A verdade é que, em se tratando de textos em geral – e sobretudo, textos estéticos –, não há como prescindir da atividade de leitura, re-leitura, tentativa de re-criação. É o leitor-crítico que anima os textos, que lhes dá vida, que os faz pulsar. Já é assim quando o leitor é acionado de fora do texto, como leitor não-diegético. E sua função tende a se adensar quando a esse leitor geral vem se juntar um leitor materializado dentro do texto – o chamado narratário (CULLER, 1999), ou o leitor linguisticamente marcado e identificado dos textos metaficcionalis.

Não é difícil constatar a importância dada à leitura e ao leitor na literatura metaficcional – leitura como interpretação, e caracterização do leitor como crítico, são materiais tematizados neste tipo de texto. Em um dos capítulos do livro *Narcissistic narrative*, Linda Hutcheon (1980, p. 138), dedica uma discussão ao que ela denomina “identidade compósita: leitor, escritor, crítico” (A mudança, no caso da metaficção, é que “o ato de leitura torna-se [explicitamente] um ato criativo e interpretativo, que partilha da experiência do próprio ato de escrita” (HUTCHEON, 1980, p. 144); é assim porque a literatura metaficcional (como o prefixo indica) volta-se para o próprio fazer literário e ficcional, seja no que diz respeito ao código próprio da narrativa, seja quanto às suas categorias constitutivas (personagem, caracterização, narrador, enredo). Se o leitor, em textos metaficcionalis, torna-se um narratário, portanto, personagem, inscrito dentro da própria textualidade narrativa, cabe ao leitor de fora do texto (o leitor geral) realizar o duplo ato de leitura: a leitura da leitura, a interpretação da interpretação. Tentemos aprofundar essas premissas iniciais sobre leitura, escrita e criação – em contexto metaficcional – através da discussão de um conto de James Joyce, “A painful case”.

Traduzido ao pé da letra como “Um caso doloroso”, esse conto faz parte da coletânea *Dubliners* (*Dublinenses*), publicada em 1915. O fato de a coletânea ser intitulada *Dublinenses* possui um grande peso histórico, geográfico e cultural no que diz respeito aos significados dos contos da co-

letânea¹. Em geral, os autores intitulam suas coletâneas com um título de um dos contos. Nesse caso, não apenas o título do livro é diferente daqueles dos contos, mas constitui um epíteto que produz certa homogeneidade em relação às personagens que habitam o universo das histórias – inicialmente, todas são habitantes da cidade de Dublin. Tal especificação indicia uma expectativa em relação à articulação personagem-espaco, ou sujeito-cidade, ao mesmo tempo em que sugere a existência de certos atributos que caracterizam os dublinenses.

Quem já leu a coletânea em sua totalidade logo vai lembrar que embora cada conto – como todo conto – possa ser lido isoladamente, o próprio desenho formal de disposição dos contos, ao longo do livro, parece sugerir uma leitura articulada, que possa promover a relação entre as temáticas abordadas, seja quanto às questões políticas e religiosas da Irlanda, seja quanto à caracterização psicológica das personagens, seus conflitos e dilemas; seja também em relação à experimentação do autor com a epifania e a associação entre linguagem e sujeito comum. Esse é um traço que vai definir os dublinenses de Joyce: são sujeitos comuns. O modo de composição formal da coletânea, portanto, faz equivaler, metonimicamente, cada conto ao todo do livro; embrionariamente, cada conto representa as questões mais relevantes do livro; por outro lado, o livro como um todo vai ganhando densidade a partir da junção desses elementos, que se fazem ressoar semanticamente e contaminar intratextualmente uns aos outros.

Em relação ao conto “A painful case”, trata-se da história de vida de James Duffy, sujeito solitário e melancólico, que trabalha como caixa de um banco. O narrador refere-se à sua vida como “an adventureless tale” (um conto sem aventura, destituído de aventura), referência que dá bem a medida da mesmice e rotina que caracteriza seu trabalho e cotidiano (JOYCE, 1995, p. 102). A referência também lembra o leitor da equivalência entre “life” e “tale” (“vida” = “conto”), um recurso metaficcional que será detalhado mais adiante, em nossa discussão.²

1 Este, porém, não será o foco da discussão aqui. Como exemplo, citamos a articulação que Joyce promove entre a marginalização política da Irlanda, em cenário europeu, e a impotência/paralisia das personagens diante dos dilemas existenciais.

2 A propósito, também Shakespeare, através de Macbeth, refere-se à vida como um conto: “Life is but a walking shadow, a poor player (...) it is a **tale**,/Told by an idiot, full of sound

O modo como o conto inicia chama bastante atenção quanto à caracterização da personagem e sua inserção no espaço – indo de um espaço mais geral, o bairro afastado em que mora, até sua velha e sombria casa, para eventualmente focalizar o quarto, as janelas e paredes, o chão, a mobília, até chegar a determinados objetos. Da janela, através do olhar de Mr. Duffy, também são feitas referências ao entorno de sua casa – a destilaria desativada e o rio de águas rasas. Todo o primeiro parágrafo do conto demonstra que o espaço se coaduna com o seu morador. Há uma precariedade, carência e sentido de ausência no espaço (são recorrentes os atributos de negação) que vão se refletir na caracterização de Mr. Duffy. Sua casa é mobiliada de forma simples, quase franciscana, contendo apenas o essencial. Para John Brannigan (1999, p. 40), tal minimalismo espacial “reflete o desejo de Mr. Duffy de ser autossuficiente”. Dentre seus objetos, destacam-se os livros e alguns manuscritos. Vejamos esse trecho do narrador a seu respeito: “Mr. Duffy abominava qualquer coisa que indiciasse desordem física ou mental. Um médico medieval o teria definido como saturnino. Seu rosto, que carregava toda a história dos seus anos, tinha a mesma tonalidade amarronzada das ruas de Dublin” (JOYCE, 1995, p. 101).³

A descrição psicológica de Mr. Duffy pode desencadear no leitor uma empatia carregada de compaixão, pois como é possível conciliar a “fúria da existência”⁴ com “ordem física e mental”? A condição de estar vivo já implica caos, ou, parafraseando um verso de Mário Quintana (2001), se a vida é um objeto súbito⁵ – como, então, manter a ordem? Mr. Duffy, portanto, é um sujeito condenado ao sofrimento, por esperar da vida algo que ela constantemente nega, já que a vida é imprevisibilidade, portanto, impossibilidade de ordem.

A vida já é tudo isso se o sujeito é sozinho. A partilha da vida com outra pessoa tende a potencializar a desordem, já que várias questões de convivên-

and fury,/Signifying nothing” (SHAKESPEARE, 1985, p. 1024-25). As traduções de trechos do conto e de outras passagens de textos em inglês são minhas.

³ De novo, o original em inglês traz o termo “tale”: “His face, which carried the entire tale of his years, was of the brown tint of Dublin streets” (JOYCE, 1995, p. 101, grifo meu).

⁴ Referência a um verso de Drummond, do poema “Relógio do Rosário”: “O amor não nos explica. E nada basta,/nada é de natureza assim tão casta/que não macule ou perca sua essência/ao contato furioso da existência.”

⁵ O verso de Quintana é: “O poema é um objeto súbito”.

cia e afetividade vão ser acrescidas à aprendizagem daquilo que constitui a vida a dois. É exatamente isso que vai acontecer a Mr. Duffy, quando, certo dia, ele conhece Mrs. Sinico – sua vida vai mudar; mas porque ele não suporta a desordem (física ou mental), sua vida vai voltar a ser exatamente o que era. Ou seja, a mudança, que inicialmente o agrada, transforma-se em desapontamento e medo, e dura apenas um intervalo.

A história ou experiência que James Duffy e Emily Sinico vão viver poderia ter como epígrafe o seguinte poema de Dante Milano (1998):

CENÁRIO

Tudo é só, a montanha é só, o mar é só,
A lua ainda é mais só.
Se encontrares alguém
ele está só também.
Que fazes a estas horas nesta rua?
Que solidão é a tua
Que te faz procurar
O cenário maior,
O de uma solidão maior que a tua!

Os dois se encontram pela primeira vez em um concerto de música, conversam, iniciam uma relação de amizade; encontram-se outras vezes acidentalmente, mas depois passam a se encontrar com certa frequência. Embora casada, e tendo uma filha, Mrs. Sinico é também uma pessoa solitária, já que o marido está sempre viajando. O marido eventualmente toma conhecimento das visitas de Mr. Duffy, mas supõe que ele está interessado em sua filha. De acordo com o narrador: “Ele tinha dispensado tão sinceramente sua esposa da sua galeria de prazeres que não suspeitava que alguém pudesse se interessar por ela” (JOYCE, 1995, p. 103). As informações que a narrativa oferece demonstram que, gradativamente, constrói-se uma relação de cumplicidade afetiva entre Mr. Duffy e Mrs. Sinico. No entanto, ao mesmo tempo em que ele sente a presença de emoção em sua vida, também ouve uma voz, descrita como “voz impessoal e estranha, que ele reconhece

como sua, insistindo na solidão incurável da alma”. A voz também lhe diz que “não podemos nos dar; somos de nós mesmos” (JOYCE, 1995, p. 104).

O rompimento entre os dois acontece exatamente porque Mrs. Sinico, guiada por seus sentimentos e desejos, interpreta a experiência de cumplicidade que os dois vivenciam como algo para além da amizade, e, certa noite, lhe faz um carinho – “pegou sua mão, de modo apaixonado, e a pressionou contra seu rosto” (JOYCE, 1995, p.104). Tal reação não encontra ressonância em Duffy, que acredita que “todo elo é um elo para a dor” (JOYCE, 1995, p.104). Após o distanciamento entre os dois, Duffy volta à rotina anterior de trabalho e solidão. E não ouvimos mais falar de Mrs. Sinico, já que sua visibilidade no conto era atrelada a Mr. Duffy; dependia, portanto, da relação entre os dois.

Quatro anos se passam e esse tempo constitui um vazio na narrativa; trata-se de uma eclipse temporal que atende à necessidade de trazer de volta a personagem Mrs. Sinico. Temos notícias sobre ela através de Mr. Duffy, enquanto ele lê uma notícia de jornal. É relevante perceber que Mr. Duffy toma conhecimento do que aconteceu a ela antes de nós, leitores. Dois parágrafos do conto são acionados para criar suspense no leitor quanto ao que de fato aconteceu. Temos acesso à reação de surpresa e ao efeito emocional que a notícia sobre ela provoca nele. Mas não sabemos o conteúdo da notícia. Esse retardamento temporal é uma característica das narrativas de Joyce. Apenas quando Mr. Duffy chega em casa e retoma o jornal, somos apresentados à matéria em sua íntegra.

É nessa parte do conto que podemos perceber o rendimento estético do uso de uma outra textualidade, nesse caso, vinculada ao jornalismo – a reportagem –, inserida na estrutura literária maior, o próprio conto. A reportagem de jornal constitui um recorte de notícia encaixado dentro do conto. Ao mesmo tempo em que faz parte do conto, também produz a ilusão de que faz parte da edição maior do jornal, tendo sido de lá retirado. A reportagem jornalística rompe com a linearidade anterior, introduz outro discurso e outra linguagem, outra tonalidade, enfim, causa um ruído na história que vinha sendo contada. Ao mesmo tempo, a notícia também contribui para o adensamento da história que vinha sendo contada. Vejamos, em maiores detalhes, como se dá tal articulação.

Segundo Patricia Waugh (1984), a metaficção trabalha a partir das tensões entre familiaridade e convenção, de um lado, e estranhamento e experimentação, de outro. A propósito, a paródia constitui um recurso que elabora exatamente essa tensão entre códigos e convenções. Recorrendo aos Formalistas Russos e à noção de desfamiliarização (a partir de Chklovsky), Waugh declara que os textos metaficcionais se alimentam, em sua composição, da incorporação do popular e não-literário (WAUGH, 1984, p. 66). Ela faz uso das reflexões de Tynianov, para quem “um texto é literário na medida em que depende da relação diferencial com o sistema extraliterário em que opera” (TYNIANOV apud WAUGH, 1985, p. 66). Waugh também aproveita as reflexões de Mukarovsky, sobre o fato de que “o valor do artefato artístico será maior na medida em que a série de valores extra-estéticos que ele extrai é maior, e na medida em que é capaz de intensificar o dinamismo de sua conexão mútua” (MUKAROVSKY apud WAUGH, 1985, p. 80).

Embora não possamos classificar “A painful case” como conto metaficcional em sua totalidade, Joyce faz uso de recursos metaficcionais neste conto que afetam diretamente o nível de significação metafórica que o mesmo possui. Dentro desse contexto, possui lugar de destaque a narrativa encaixada da notícia de jornal. Para Todorov:

o encaixe evidencia a propriedade mais essencial de toda a narrativa. É que a narrativa englobante é a narrativa de uma narrativa. Ao contar a história de uma outra narrativa, a primeira atinge o seu tema fundamental, ao mesmo tempo que se reflecte nesta imagem de si mesma; a narrativa enquadrada é, simultaneamente, a imagem dessa grande narrativa abstracta de que todas as outras são apenas ínfimas partes, e também a imagem da narrativa englobante que directamente a precede. Ser a narrativa de uma narrativa é a condição de toda a narrativa que se realiza pelo encaixe.
(TODOROV, 1971, p. 87-8)

A reportagem de jornal traz a notícia em sua totalidade; constitui, portanto, um texto autônomo dentro da narrativa maior. A reportagem é introduzida por um título/headline – “MORTE DE UMA SENHORA NA ESTAÇÃO SIDNEY” – e seguida por um sub-título – “A painful case”. O subtítulo corresponde ao título dado ao conto que estamos lendo, como já antecipado. Tal duplicação informa sobre a relação especular, em abismo (*mise en abyme*) entre as duas narrativas – a do conto que vínhamos lendo – e essa agora da notícia de jornal; é como se uma narrativa, inicialmente, se igualasse à outra; mas é também como se uma narrativa se desdobrasse em outra: “Um caso doloroso” sobre “Um caso doloroso” – uma estrutura narrativa maior que contém uma menor.

A senhora a que o título alude é Mrs. Sinico, que morreu atropelada por um trem. O texto da notícia ocupa duas páginas do conto e traz informações técnicas sobre sua morte, sobre a apuração dos policiais e das autoridades que administram a estação de trem, além de depoimentos das testemunhas. Através dos depoimentos do marido (Mr. Sinico), ficamos sabendo que “eles eram casados havia 22 anos, e que o casamento tinha sido feliz até dois anos atrás, quando sua mulher começou a ficar um tanto intempestiva em seus hábitos” (JOYCE, 1995, p. 107). O relato do depoimento da filha também é apresentado e informa sobre o alcoolismo da mãe.

A reportagem conclui com uma nota de pesar pela morte da senhora, declarando que se tratava de “um caso muito doloroso”, e enfatizando a necessidade da companhia de trem tomar medidas enérgicas para evitar acidentes semelhantes no futuro. Ninguém foi responsabilizado pelo acidente.

A inserção da narrativa completa da reportagem dentro do conto nos incita a fazer alguns questionamentos: de que modo as duas textualidades se articulam? De que modo se distanciam? O que há em uma narrativa que falta na outra? De que modo a expressão “um caso doloroso” exprime nuances semânticas diferentes? Por que Joyce optou por inserir por inteiro a notícia de jornal, em vez de apenas, através do narrador, referir-se à leitura que Mr. Duffy fez da notícia?

Ora, a experiência de ler a notícia é muito diferente da experiência de ler sobre a leitura da notícia. Quando paramos para ler a notícia – e a pausa é direcionada pelo modo de construção do conto – sentimos claramente

uma ruptura com a linguagem literária que vínhamos lendo. A linguagem da reportagem é objetiva, tendendo ao cientificismo, à objetividade dos fatos, ao relato técnico. Isto ainda se faz mais explícito por tratar-se de uma apuração policial, que envolve a morte de uma pessoa. Na verdade, a nossa leitura da notícia duplica a leitura que o próprio Duffy já havia feito, antes de nós, e vem a fazer novamente, juntamente conosco. Aqui, o dado metaficcional tem a ver com a explicitação do ato de leitura e interpretação. Assim como Duffy, também nós nos surpreendemos com a morte de Mrs. Sinico. Porém, diferentemente de Duffy, que a acusa de fraqueza, tendemos a nos compadecer com o sofrimento dela e a inferir que sua morte foi resultado de um ato extremo de desespero e desesperança.

Tomar conhecimento da morte de Mrs. Sinico através do gênero textual notícia jornalística também se coaduna com o modo racional, pouco emocional com que Mr. Duffy se relaciona com a vida, em geral. O veículo da notícia possibilita o distanciamento que o nutre para com os fatos da vida. Por outro lado, da perspectiva do leitor não-diegético, há outros significados implicados. No contexto do jornal, a referência a “um caso doloroso” é apenas uma forma retórica de vender notícia – não convence. É apenas quando articulamos a referência dada na notícia com o título do conto, que podemos perceber a densidade da dor que “o caso doloroso” expressa. Mais ainda: percebemos a ambiguidade do *caso*, que pode aludir tanto a Mrs. Sinico quanto a Mr. Duffy. Considerando inicialmente Mrs. Sinico, “o caso doloroso” pode significar o rompimento com Duffy; eventualmente, sua morte. Considerando Duffy, “o caso doloroso” pode significar o que ele próprio imagina e avalia, ao rememorar a experiência vivida: “Como ele poderia ser culpado? Agora que ela havia partido, ele entendeu quão solitária sua vida devia ter sido, sentada sozinha, noite após noite, naquela sala. A vida dele também seria solitária até que ele também morresse, deixasse de existir, se tornasse uma memória – isto se alguém dele se lembrasse” (JOYCE, 1995, p. 109). Para o leitor, “um caso doloroso” é a reunião de todos esses sentidos, acrescido da consciência de Duffy sobre sua expulsão do banquete da vida. Sim, Duffy não apenas sabe que a vida também pode ser um banquete; ele sabe que está à margem dessa festa.

Voltando ao poema de Dante Milano (1998), que escolhemos como epígrafe para essa história de dor, a solidão de Duffy é o “cenário maior”; sendo

assim, falando em termos metafóricos, através de um dos versos do poema, a tentativa de Mr. Duffy de questionar (e a nossa de responder) à pergunta “Que fazes a estas horas nesta rua?”, quando encontra Mrs. Sinico, só pode ser um vislumbre, um lampejo. Não é à toa que a última frase do conto seja exatamente: “Ele sentiu que estava só” (JOYCE, 1995, p. 110). Ou será que a tradução mais adequada não seria, “Ele sentiu que *era* só”?

A singularidade do caso, contida no título do conto “Um caso doloroso”, portanto, desdobra-se em uma pluralidade de significados quando acionamos a dupla textualidade da narrativa. Tal duplicidade também encontra ressonância na duplicidade do leitor e do ato de leitura – Duffy lendo a notícia de jornal, e nós, leitores não-diegéticos, lendo a notícia e a leitura que Duffy faz da mesma. A voz narrativa da primeira camada narrativa também difere daquela do texto de jornal. Ao final, constatamos que “Um caso doloroso” não apenas narra a história de Duffy, ou de Mrs. Sinico com Duffy, mas narra sobretudo a história da narrativa “Um caso doloroso”. E, ao fazê-lo, cria múltiplas camadas quanto à tríade escrita-leitura-criação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

BRANNIGAN, John. *York notes advanced. Dubliners*. London: York Press, 1999.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária – uma introdução*. Trad. Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

ELIOT, T. S. Tradition and the individual talent. In: BRADLEY et all (Ed.). *The American tradition in literature*. vol. 2. USA: Grosset & Dunlap/Norton, 1974. p. 1167-1174.

HUTCHEON, Linda. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. London and New York: Routledge, 1980.

JOYCE, James. *Dubliners*. Andrew Goodwyn (Ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MILANO, Dante. *Os melhores poemas de Dante Milano*. Seleção de Ivan Junqueira. São Paulo: Global, 1998.

NABOKOV, Vladimir. Good writers and good readers. In: _____. *Lectures on literature*. Fredson Bowers (Ed.); John Updike (intr.). San Diego, New York, London: Harvest, 1980. p. 1-6.

QUINTANA, Mario. O poema. In: _____. *A cor do invisível*. São Paulo: Globo, 2001.

SHAKESPEARE, William. Macbeth. In: ALEXANDER, Peter (Ed.). *The complete works of Shakespeare*. The Alexander text. London, Glasgow: Collins, 1985.

TODOROV, T. *Poética da prosa*. Trad. Maria de Santa Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

WAUGH, Patricia. *Metafiction. The theory and practice of self-conscious fiction*. London and New York: Routledge, 1984.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Recebido em 23/01/14
Aceito em 05/05/2014